

## UM ESTUDO SOBRE QUESTÕES DE GÊNERO EM ESCOLAS DO ENSINO FUNDAMENTAL NA CIDADE DE PARINTINS-AM

Patrícia dos Santos Trindade (1); Raymara Fonseca dos Santos (2); Dainessa de Souza Carneiro (3)

*Universidade Federal do Amazonas, [pstrindade@gmail.com](mailto:pstrindade@gmail.com)*

*Universidade Federal do Amazonas, [fs.raymara@gmail.com](mailto:fs.raymara@gmail.com)*

*Universidade Federal do Amazonas, [dainessagen@hotmail.com](mailto:dainessagen@hotmail.com)*

### RESUMO:

Nosso objetivo neste estudo foi investigar se os professores de Educação Física de duas escolas públicas do município de Parintins-AM adotam uma prática pedagógica respeitando às questões de gênero, por meio de aulas coeducativas. Tratou-se de uma pesquisa de campo, de cunho qualitativo, de caráter exploratório. Participaram da pesquisa cinco Professores de Educação Física, que lecionam no ensino fundamental do 6º ao 9º ano em duas escolas do município em questão. Para coleta de dados, realizamos observações sistemáticas das aulas de Educação Física, além de entrevistas semiestruturadas com os professores. Concluímos que os Professores de Educação Física do 6º ao 9º ano do ensino fundamental das escolas pesquisadas não adotam uma prática pedagógica respeitando as questões de gênero a partir da coeducação. Sugere-se que estes professores estudem sobre as questões de gêneros e passem a ministrar aulas coeducativas, despertando nos alunos o interesse pela reflexão acerca da desigualdade de gênero presente na sociedade atual.

**Palavras-chave:** Gênero, Educação Física, coeducação.

### 1 INTRODUÇÃO

Ao longo das vivências acadêmicas no curso de Educação Física, na disciplina de Estágio Supervisionado II, o qual ocorreu no ensino fundamental, nos deparamos com fatos que me estimularam a realizar essa pesquisa. Esses fatos se caracterizavam pela separação de meninos e meninas nas aulas de Educação Física e distinção de atividades práticas entre meninos e meninas em determinada escola. Então pensamos ser interessante realizar um estudo sobre esta temática considerando a prática docente de outros professores em outras escolas do mesmo município.

As questões de gênero tem se apresentado como grandes desafios, e se apresentam na sociedade, a qual cria estereótipos que estigmatizam a mulher como um ser inferior ao homem, surgindo assim o (pré) conceito que muitas vezes prejudica a mulher na sociedade. Diante disso, surgiu o interesse em pesquisarmos sobre as questões de gênero na Educação Física escolar, uma vez que a mesma está incluída na instituição Escola, que tem por princípio valorizar principalmente a igualdade de oportunidades sociais, visto que nela estão presentes pessoas com gênero, raça, cor, classe social diferentes umas das outras.

Nesse sentido, partiremos da ideia que a coeducação seja o melhor caminho para que a educação física escolar contribua com a superação da desigualdade de oportunidade social existente entre os gêneros masculino e feminino, pois através dela podem-se valorizar as capacidades físicas, entre outras, presentes no menino e na menina de forma particular, sem julgá-la inferior a ele, compreender a desigualdade de gênero requer acessar as representações que a sociedade atribui ao feminino e ao masculino, e não as diferenças biológicas existentes entre estes (LOURO, 1997).

Diante desta concepção nosso objetivo geral neste estudo foi investigar se os Professores de Educação Física em duas escolas públicas do município de Parintins adotam uma prática pedagógica respeitando às questões de gênero (aulas coeducativas), na medida em que estas são consideradas de grande relevância. Para isso, elencamos três objetivos específicos: 1) Analisar a percepção dos Professores, se meninos e meninas são capazes de realizar as mesmas atividades nas aulas de Educação Física; 2) Identificar a preferência dos professores de Educação Física quanto à forma de ministrar suas aulas; 3) Verificar quais fontes de pesquisa os Professores de Educação Física do 6º ao 9º ano utilizam para fundamentar suas aulas, no que diz respeito ao gênero.

## 2 METODOLOGIA

Tratou-se de uma pesquisa de campo, de cunho qualitativo e caráter exploratório. É uma pesquisa descritiva, pois descrevemos as características do fenômeno observado tal como ele é. A pesquisa contou com a participação de cinco professores de educação física (dois da Escola A e três da Escola B), que lecionam no ensino fundamental do 6º ao 9º ano, ambas as escolas da rede estadual de ensino, na cidade de Parintins-AM. Participaram indiretamente da pesquisa também cerca de 400 alunos(as) do 6º ao 9º ano dessas escolas, sem os quais não seria possível investigar as práticas docentes, pois a maioria destes estava presente durante as aulas.

Para coletar os dados realizamos uma entrevista semiestruturada com cada professor, gravada individualmente em aparelho digital de áudio e transcrita. Utilizamos ainda o tipo de observação sistemática, a qual objetiva descrever os fenômenos presentes na realidade e o pesquisador levanta os dados mais relevantes para alcançar os objetivos da pesquisa (GIL, 2012). As observações foram registradas no diário de campo para facilitar o trabalho no momento da análise. Os encontros aconteceram no período de 29 de julho a 23 de agosto de 2013, em três turmas de 6º ano, seis turmas de 7º ano, duas turmas de 8º ano e seis turmas de 9º ano, em tempos e espaços diferentes como na sala de aula, piscina, campo de futebol, quadra sem cobertura e quadra coberta em ambas as escolas.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir, descrevemos, interpretamos e discutimos a opinião dos professores envolvidos neste processo, destacando alguns trechos da entrevista realizada.

**Tabela 1.** Qual sua concepção nas aulas de Educação Física quanto à participação de meninos e meninas nas atividades propostas?

<b>Comparativo das respostas</b>	
<b>Informante 1 (H)</b>	“[...] eu tenho o máximo de cuidado de inserir atividades, [...]para que todos participam[...]pois são capazes de realizar as mesmas atividades[...]. A minha função como professor é tentar ao máximo dizer que... é um estereótipo que a sociedade cria: que só meninas podem desenvolver determinadas atividades e assim como para os meninos”
<b>Informante 2 (M)</b>	“[...] têm algumas atividades que ambos conseguem praticar igualmente, no que diz respeito ao nível de capacidade física. Mas depende das habilidades motoras de cada um, menino ou menina, mas dá para equilibrar as atividades de forma que meninos e meninas pratiquem de forma igual.”
<b>Informante 3 (H)</b>	“[...] eu sempre trabalho em conjunto, tento colocar as meninas juntas dos meninos, mesmo por que sempre elas vão ser inferiores a eles. [...]Em algumas atividades eu separo a turma, como na queimada. Um time dos meninos e um das meninas, mas no caso eu interfiro, pois eu jogo no time das meninas, justamente para dar mais força para elas [...]”.
<b>Informante 4 (H)</b>	“[...]geralmente as meninas têm uma tendência para uma prática diferente de esporte. Os meninos gostam de futebol de campo, futebol de salão. As meninas já gostam mais de um voleibol, de um handebol, de uma queimada.”
<b>Informante 5 (M)</b>	“[...] Se sabe que menino quer saber só de futsal. E as meninas não gostam de fazer atividade física, [...]. Inclusive DANÇA foi um dos conteúdos que trabalhei, e os meninos fizeram no início meio acanhados, mas por incrível que pareça depois se soltaram, sem se preocuparem com as brincadeiras que poderiam aparecer, por estarem praticando uma atividade mais para as meninas.”

Com o exposto podemos afirmar que todos os informantes em algum momento distinguem a mulher do homem no que refere a prática de alguma atividade na Educação Física, citando práticas diferenciadas para meninos e para meninas.

A partir do diário de campo, pudemos constatar a prática desses professores ao reproduzirem alguns estereótipos, apesar de trabalharem com turmas mistas. Por exemplo, no dia 31 de julho de 2013, em uma aula, na Escola A, com o 9º ano, o informante 1 solicitou que a turma formasse dois grupos mistos, voluntariamente, para jogarem queimada. Durante o jogo quando os meninos de ambas as equipes se preparavam para arremessar a bola, o professor diversas vezes alertava: “*na outra equipe tem menina! Cuidado!*”. Com isso os meninos passaram a arremessar a

bola com menos força ou então arremessavam mais forte em outros meninos, reforçando assim, a condição de fragilidade das meninas, de acordo com a opinião do professor.

Encontramos o ponto em comum entre os informantes 1 e 3, destacando a fragilidade das meninas, acabando por excluí-las muitas vezes não apenas por serem quem são, mas também por serem consideradas menos habilidosas do que seus colegas, visto que se o gênero está relacionado com muitas outras categorias, a exclusão e desigualdade de gênero também pode ocorrer em grupos do mesmo sexo, isto é, os meninos também podem passar por isso em práticas onde outros meninos se sobressaem, por serem considerados mais habilidosos que outros (SOUSA; ALTMANN, 1999).

A habilidade ganha ainda mais destaque, quando citada informante 2. Segundo Sousa e Altmann (1999, p. 55) o gênero por ser uma categoria relacional relaciona-se com outras categorias como “[...] idade, raça, etnia, classe social, altura e peso corporal, habilidades motoras, dentre outras. Isso ocorre nos diversos espaços sociais, incluindo a escola e as aulas de educação física”. Portanto, não se deve afirmar que as meninas possuem menos habilidade física do que os meninos, pois todas essas categorias se encontram e se relacionam tanto em grupos mistos, como também em grupos apenas de meninas ou apenas de meninos.

Os informantes 4 e 5 planejam suas aulas a partir da própria identificação de práticas consideradas para meninos e para meninas, mesmo afirmando na entrevista que independente do sexo todos(as) realizam as mesmas atividades, haja visto que o informante 5 considera a Dança um conteúdo para meninas, apesar de ter trabalhado o mesmo conteúdo com meninos.

É impossível compreender as diferenças a partir do determinismo biológico, ou seja, o sexo não define as diferenças comportamentais entre homens e mulheres, pois os comportamentos são construídos social e historicamente (FINCO, 2013). Portanto ao afirmarem que as meninas têm uma “prática diferenciada” dos meninos e por considerá-las mais frágeis, inferiores a eles, os professores estão reproduzindo os estereótipos que a sociedade atribui ao homem e à mulher.

**Tabela 2.** Quais os conteúdos e estratégias que você trabalha nas aulas de educação física?

<b>Comparativo das respostas</b>	
<b>Informante 1 (H)</b>	“[...]esportes, a dança, as ginásticas, lutas. Envolvendo todos os meninos e meninas. Como estratégia primeiramente eu tento conscientizar os alunos, [...]que eles entendam que em casa eles convivem em sociedade, [...] sem separação entre os sexos, assim é na escola. E [...]trabalhando conteúdos de forma igual tanto para meninos quanto para meninas.”
<b>Informante 2 (M)</b>	“[...] voleibol, ginástica, jogos e etc., [...]o diálogo foi uma das estratégias que eu achei viável para eles trabalharem em grupo.”
<b>Informante 3 (H)</b>	“[...] jogos recreativos, competitivos, pré-desportivos, cooperativos. Busquei essas atividades, mesmo por que já fazem parte da cultura dos

	alunos, e isso ajudou para que as aulas se tornassem mais dinâmicas.”
<b>Informante 4 (H)</b>	“Coloco a natação como prioridade, pela estrutura que a escola oferece. Além do futebol de campo, futebol de salão, voleibol, atividades coletivas, atividades individuais. Utilizo como estratégias as adaptações nos planejamentos, por exemplo se eu ministrar o conteúdo de voleibol, reservo 15 a 20 minutos para a recreação.”
<b>Informante 5 (M)</b>	“Alimentação saudável, distúrbios alimentares, dança, esportes, jogos recreativos.”

Como podemos observar, os informantes 1, 2, 3 e 5 destacaram outros conteúdos para as aulas, e o informante 4 se dedica exclusivamente ao conteúdo de Esportes, o que na verdade acaba sendo um “passa-tempo”, pois segundo as observações registradas no diário de campo, como a do dia 06 de agosto de 2013, em uma turma de 6º ano o professor apenas disponibiliza de uma bola de futsal para alguns meninos (figura 1) e algumas meninas ficaram na parte externa da quadra, dançando funk (figura 2).

Em ambas as figuras observamos nitidamente as preferências que a turma tem em relação aos conteúdos da Educação Física. Os meninos regularmente jogam futsal, e as meninas dançavam ou caminhavam.



**Figura 2 – meninas dançando** Arquivo pessoal -  
Fotografia: Raymara Santos (2013)

**Figura 1 – meninos jogando futsal**

Arquivo pessoal - Fotografia: Raymara Santos (2013)

Vale ressaltar que este professor não interferiu quando houve essa separação da turma, e ainda atendeu mais aos meninos que queriam jogar futsal. Assim as meninas se dirigiram para fora da quadra e começaram a dançar. O professor comentou confiante: *Pronto! Agora é só esperar o tempo da aula acabar! Eu gosto assim: quando deixo meus alunos livres pra escolherem o que querem praticar, justamente para eu não forçar elas a jogarem futsal e nem abrigo os meninos a dançarem com elas!* (Informante 4).

Esse pseudo-equilíbrio presente na fala do professor nada mais é do que uma máscara que apenas escolhe evitar discussões importantes que deveriam ocorrer também em sala de aula. Em consequência disso não consegue explicar muitos fenômenos de conflito que se tornam óbvios aos olhos de alguém mais crítico (ABREU, 1993). E representa a preferência do mesmo em não encarar essa realidade desigual, e por conta disso trabalha durante o tempo de aula de forma desorganizada.

Ainda em relação a este mesmo professor, no dia 14 de agosto de 2013, foi constatada uma prática de futebol de campo onde meninos e meninas do 7º ano, estavam participando ao mesmo tempo, porém competindo em times separados por sexo (Figura 3). Então o Professor satisfeito, disse: *“Tá vendo, professora como há interação entre meninos e meninas em minhas aulas? Algumas vezes os meninos tiram gracinha com as meninas, mas aí elas arrasam logo com eles.”* (Informante 4)



**Figura 3 – meninos e meninas jogando futebol: pseudo-mistura**

Arquivo pessoal - Fotografia: Raymara Santos (2013)

Uma prática coeducativa não significa apenas misturar meninos e meninas, sem que haja uma reflexão sobre o método e o conteúdo que está sendo trabalhado (AUAD, 2006). Com essa concepção, identificamos nesse caso o que considera-se pseudo-mistura, já que neste dia o professor

também não interviu, considerando que mesmo as meninas e os meninos permanecendo no mesmo ambiente físico, podendo ter atitudes e pensamentos diferentes entre si, além de estar havendo confronto entre eles e elas, já que estavam jogando em times opostos. Portanto, simultaneamente não havia “mistura”.

Ainda no dia 05 de agosto de 2013, foi registrado uma única aula de Educação Física Coeducativa, ministrada pelo informante 1 para uma turma de 8º ano. A aula de Lutas contou com a presença de meninos e meninas, e ambos realizavam os mesmos movimentos, vivenciavam as mesmas experiências sobre segurança pessoal, por meio de alguns golpes básicos, como mostram as figuras 4 e 5 a seguir. E acima de tudo, não houve comentários discriminatórios da parte do professor e nem dos(as) alunos(as) em relação às capacidades de movimentos entre eles(as).



**Figura 4 – aula de lutas: aquecimento**

Arquivo pessoal - Fotografia: Raymara Santos (2013)



**Figura 5 – aula de lutas: características coeducativas**

Arquivo pessoal - Fotografia: Raymara Santos (2013)

Ou seja, além de ser uma aula mista, foi levada em conta a igualdade de gênero, visto que o conteúdo de Lutas hoje em dia é livre tanto para homens como para mulheres, já que nos anos 30 tal conteúdo, inserido na Educação Física escolar só podia ser praticado por homens, pois exigia bastante esforço físico e movimentos violentos (SOUSA; ALTMANN, 1999).

**Tabela 3.** Quais os aportes teóricos utilizados para fundamentar suas aulas?

Comparativo das respostas	
<b>Informante 1 (H)</b>	“[...]os PCN’s de Educação Física, alguns artigos científicos. [...]DARIDO, que fundamenta as questões de gênero...”

<b>Informante 2 (M)</b>	“[...] os PCN’s, onde neles mesmos já estão presentes a questão da sexualidade, a questão de gênero na Educação Física.”
<b>Informante 3 (H)</b>	“Eu nunca busquei conteúdos de algum autor, livro. Tudo o que repasso é o que eu observo que será absorvido mais fácil por eles. Eu busco conteúdos que são bem mais frequentes na vida do adolescente, como as drogas, sexualidade, coisas que muitas vezes não são conversadas entre eles e a família. O conhecimento empírico meu e dos alunos.”
<b>Informante 4 (H)</b>	“Utilizo apenas pesquisas da internet, com o Google, resumo todas as pesquisas e repasso para os alunos as partes principais dos conteúdos.”
<b>Informante 5 (M)</b>	““Não uso muito não!”. Trabalho mais sobre a opinião deles. Conteúdos da internet, vídeos de assuntos do cotidiano deles mesmo.”

Ter o conhecimento sobre gênero, Educação Física e coeducação, aulas mistas e aulas separadas é essencial para se ministrar aulas com propostas que colaboram com a igualdade de gênero. Mas apenas os informantes 1 e 2 afirmaram buscar estudos relacionados, como os PCN’s (Parâmetros Curriculares Nacionais) que, apresentam ideias gerais sobre o tema em relação aos objetivos nos conteúdos de lutas, ginásticas, jogos e atividades rítmicas: “respeito as diferenças e características relacionadas ao gênero presente nas práticas da cultura corporal de movimento” (BRASIL, 1998, p.75).

Segundo a fala dos informantes 3, 4 e 5 podemos afirmar que, na realidade estes não buscam se atualizar em relação às questões de gênero, muito menos leitura básica dos PCN’s, e geralmente estão acessíveis nas escolas em suas bibliotecas. Fato este que é preocupante, pois sabemos da importância de todo professor se manter atualizado sobre os conteúdos em geral de sua área, para que passem a realizar uma prática pedagógica visando reflexões acerca da realidade presente na Educação Física escolar, portanto, na sociedade em geral, que é a desigualdade de gênero, no caso.

**Tabela 4.** Quais as facilidades e dificuldades encontradas em relação à convivência e participação de meninos e meninas nas aulas de Educação física?

<b>Comparativo das respostas</b>	
<b>Informante 1 (H)</b>	“A dificuldade é a questão cultural, de criação, questão social, de comportamento. [...] Pra mim torna-se fácil trabalhar em conjunto, e eu gosto muito, pois faço uma preparação dos alunos para a vida lá fora, a qual é em sociedade, em conjunto[...]”
<b>Informante 2 (M)</b>	“Encontro facilidade em trabalhar com meninos e meninas em conjunto, [...] eles (as) foram entendendo, compreendendo e querendo participar em conjunto. [...] Eu vejo dificuldades nas nossas alunas[...] não sabem mais correr, não sabem mais saltar, elas não experimentam, têm muito medo da altura, de cair, de escorregar. Os meninos não, eles fazem, eles correm, eles gostam de experimentar.[...], têm mais habilidades”
<b>Informante 3 (H)</b>	“Nas aulas práticas têm a questão de eles serem mais ativos que elas, e elas serem mais acomodadas. [...] Nas aulas teóricas elas é que já dão um show neles, pois são mais fáceis para assimilar os conteúdos, explicam trabalhos

	bem melhores também. Não vejo dificuldades em trabalhar com meninos e meninas em conjunto.
<b>Informante 4 (H)</b>	“Não há facilidade alguma em trabalhar meninos e meninas juntos.[...] Seria muito bom se nas aulas de educação física tivesse um horário para o masculino e um horário para o feminino,[...] Um trabalho mais leve para as meninas e um trabalho mais grosseiro para os meninos. [...]”
<b>Informante 5 (M)</b>	“Tranquilo!”. Não vejo dificuldade alguma nessa relação de convívio entre os meninos e as meninas, já que ambos vivem em conjunto o tempo todo na sociedade. Não tem como se trabalhar de forma separada na educação física.”

Os informantes 1 e 2 destacaram a questão cultural como dificuldade encontrada em relação à convivência e participação de meninos e meninas nas aulas de Educação Física. Em específico o informante 2 enfatizou que os “meninos têm mais habilidades”. Com essa afirmação podemos justificar com base em Abreu (1993, p. 114) que, “a falta de habilidade das meninas geralmente se origina da falta de prática, que por sua vez é oriunda de fatores culturais, tais como tipos de brincadeiras infantis[...]”, considerando o fato de muitas vezes a família tradicional impor atividades domésticas para as meninas, assim como brincadeiras mais restritas para dentro de casa, e para os meninos a liberdade é maior em relação a atividades de lazer, onde os mesmos podem brincar fora de casa, explorar movimentos com mais complexidade como correr, pular e etc.

Uma das estratégias adotadas pelo informante 2 é justamente “colocar a turma no mesmo nível”, entendendo isso como um meio encontrado pela professora para se trabalhar de forma igualitária, ou seja, propondo atividades sem pensar se um(a) ou outro(a) irá se destacar de forma positiva e os outros(as), obrigatoriamente, terão que acompanhar seu desenvolvimento. No caso a professora citou as meninas, considerando-as capazes de praticar as mesmas atividades que os meninos, como em duas aulas do dia 14 de agosto (figuras 6 e 7).



**Figura 6 – aula de voleibol: 6º ano**

Arquivo pessoal - Fotografia: Raymara Santos (2013)

**Figura 7 – aula de voleibol: 9º ano**

Arquivo pessoal - Fotografia: Raymara Santos (2013)

Vale ressaltar que é por meio das intervenções feitas pelos professores que conseguiremos reverter a ideia de desigualdade de gênero, a partir do momento que se considera integração completamente por ambos os sexos (ABREU, 1993). As figuras 6 e 7 acima mostram que é possível trabalhar as questões de gênero na educação física escolar, repensando os estereótipos atribuídos ao feminino e ao masculino, revelam ainda que todos conseguem vivenciar os mesmos movimentos propostos pela professora, contudo as equipes são separadas por sexo, o que não caracteriza uma aula coeducativa.

Os informantes 1 e 5 relacionam suas aulas com o convívio social fora da escola, falando como é importante ministrar aulas mistas. Fato este que é de grande relevância para a Educação e Educação Física segundo a literatura, uma vez que “separar meninas e meninos na escola seria criar uma divisão artificial, uma vez que eles não deveriam estar separados na sociedade.” (AUAD, 2006, p. 70).

Nota-se que a possível dificuldade do professor informante 3 são as individualidades presentes entre meninos e meninas. Lembrando que o mesmo informante anteriormente considerava as meninas “sempre inferiores” aos meninos no que se refere à prática da Educação Física. Pode ser que sua maior dificuldade está em conciliar as diferenças biológicas. Com isso, trabalha de forma desigual, aplicando práticas diversificadas dependendo do sexo, considerando as meninas mais frágeis que os meninos.

O informante 4 foi o único a assumir que a união de meninas e meninos é a maior dificuldade que ele enfrenta nas aulas. Relacionando com sua fala, Corrêa, Nunes e Graeff (2012) explicam que para se formar cidadãos críticos e atuantes na sociedade, as aulas de Educação Física não devem conter características próprias de rendimento, mas sim considerando a complexidade existente na formação do aluno. Diante disso, é visível a prática tradicional deste professor, que, além de propor apenas o conteúdo de Esportes, mais especificamente o futsal e natação (apenas para os que já sabem nadar), este é apenas praticado pelos meninos, já que as meninas praticam atividades “mais leves”, como a dança ou a caminhada, intensificando os estereótipos que a sociedade atribui.

Por outro lado o informante 5 afirmou não haver problema algum no convívio e na participação de meninos e meninas em suas aulas. Isso foi constatado nas poucas observações realizadas com esta professora, onde todas as aulas eram o mesmo conteúdo, voleibol. Notou-se uma falta de organização nessas aulas, visto que a professora mostrava uma vez como executar as habilidades básicas da modalidade, e posteriormente no jogo propriamente dito os alunos reproduziam. Não havia contextualização alguma do conteúdo. O lado bom dessas aulas era que todos os alunos se interessavam pela prática do voleibol, como mostra as figuras 8 e 9.

Era notória a falta de interesse desta professora em participar da pesquisa, uma vez que a mesma respondeu as perguntas de forma muito objetiva e quando era observada em suas aulas, procurava sempre manter distância da pesquisadora, falando baixo como se não quisesse ser ouvida. Sem falar que, ao final da pesquisa de campo não foi possível acompanhar mais suas aulas, pois sempre criava desculpas e acabava dispensando a pesquisadora.



**Figura 8 – aula mista de voleibol: 7º ano**

Arquivo pessoal - Fotografia: Raymara Santos (2013)



**Figura 9 – aula livre de voleibol: 9º ano**

Arquivo pessoal - Fotografia: Raymara Santos (2013)

É possível analisar a falta de organização das aulas, pela liberdade que os servidores da própria escola possui em participar da “aula”, como mostra a figura 9. Enquanto isso, a professora apenas observava a situação à distância e entrevistava somente para avaliar os movimentos que os alunos realizavam, quando estes estavam fora do padrão das habilidades básicas do vôlei. Um time sempre se encontrava esperando a partida finalizar para participar também.

## CONCLUSÕES

A partir dos resultados da pesquisa foi possível concluir que, em geral, os professores de Educação Física, do 6º ao 9º ano do ensino fundamental das duas escolas pesquisadas não adotam uma prática pedagógica respeitando as questões de gênero, não ministram aulas coeducativas, na medida em que estas são de grande relevância para a minimização da desigualdade de gênero, que está presente nas práticas docentes das escolas pesquisadas. Com exceção de uma aula de Lutas observada.

Foi possível concluir a partir dos procedimentos metodológicos que há diferença entre os discursos desses professores e a sua prática pedagógica, tendo em vista que em alguns momentos durante a entrevista os mesmos afirmaram ser necessário atividades diferenciadas para os meninos e para as meninas nas aulas de Educação Física. Ao mesmo tempo destacaram a importância da igualdade entre os gêneros. Porém, durante as observações de suas aulas foi possível verificar contradições quando as relacionamos com a entrevista, pois na prática pedagógica os professores evidenciavam a desigualdade de gênero na forma como ministravam suas aulas, mesmo sendo mistas.

Sugere-se, portanto, que os professores de Educação Física no município de Parintins-AM primeiramente busquem estudar, se atualizar, e em alguns casos conhecer e aprender sobre a Coeducação, e como aplicá-las nas aulas de Educação Física, respeitando as questões de gênero e contribuindo com a minimização da desigualdade existente entre os gêneros nas aulas de Educação Física e na sociedade.

## REFERÊNCIAS

ABREU, N. G. Meninos pra cá, meninas pra lá? In: VOTRE, Sebastião José (org). **Ensino e Avaliação em Educação Física**, São Paulo: Ibrisa, 1993, p. 101-120.

AUAD, D. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola**. São Paulo: Contexto, 2006;

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais (5ª a 8ª série): Educação Física**. Brasília : MEC /SEF, 1998.

CORRÊA, J. T.; NUNES, L.; GRAEFF, B. Reflexões sobre aulas de educação física separada por sexo e mistas a partir da vivência no PIBID E.F. FURG. **Revista Didática Sistemica**, v. especial, n. 1, página 339-352, Maio/2012.

FINCO, D. **Os perigos da naturalização das relações sociais na educação infantil**. Disponível em: <[www.grupoa.com.br/revista-patio/artigo/9144/os-perigos-da-naturalizacao-das-relacoes-sociais-na-educacao-infantil](http://www.grupoa.com.br/revista-patio/artigo/9144/os-perigos-da-naturalizacao-das-relacoes-sociais-na-educacao-infantil)> Acesso em: 31 jul. 2013.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ.: Vozes, 1997.

SOUSA, E. S.; ALTMANN, H. **Meninos e meninas: Expectativas corporais e implicações na educação física escolar**. Cadernos Cedes, ano XIX, n. 48, Agosto/99.

